

Biblioterapia e a Literatura Infantil: formando leitores contra a criminalidade e a exclusão

Sirlene Cristófano*

RESUMO: *Num contexto como o desemprego, a insegurança política, o isolamento do indivíduo, estes fatores de mudanças não só criam nova situação de risco, da criminalidade à exclusão, como também exigem de especialistas, novas formas de atenção, dessas situações de risco. Este artigo pretende divulgar a utilização da literatura infantil enquanto promotora da formação da identidade de crianças marginalizadas, além de fazer uma reflexão sobre como a literatura infantojuvenil desponta a possibilidade de educar para incluir, em vez de criminalizar para excluir.*

PALAVRAS -CHAVE: *Literatura; Imaginário Infantil; Inclusão.*

ABSTRAT: *In a context such as unemployment, political uncertainty, isolation of the individual, these factors changes not only create new risk, crime and exclusion, but also require specialists, new forms of care such risk situations. This paper aims to disseminate the use of children's literature as a promoter of identity formation of marginalized children, and to reflect on how children`s literature emerges the possibility of educating to include rather than to criminalize to exclude.*

KEYWORDS: *Literature; Imaginary Infant; Inclusion.*

INTRODUÇÃO

A reestruturação económica, a evolução das novas tecnologias, assim como a concentração humana no território, incluem-se entre os fatores que segundo alguns estudos das

* Doutoranda em Estudos Literários e Culturais, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto - FLUP. Investigadora do CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projecto PEst-OE/HIS/UI4059/2014.

ciências sociais, mais impacto tiveram na alteração do cotidiano familiar e social.

Num contexto como o desemprego, a insegurança política, o isolamento do indivíduo, estes fatores de mudanças não só criam nova situação de risco, da criminalidade à exclusão, como também exigem de especialistas, novas formas de atenção, dessas situações de risco.

A literatura desde logo na Antiga Grécia, sempre teve um papel catártico e terapêutico: interessarmo-nos pelas histórias de outros, pelas suas tragédias e comédias; foi desde Aristóteles considerada uma forma de criar empatias sociais e proporcionar uma inteligência emocional das nossas próprias histórias.

Segundo Bruno Bettelheim, os contos fantásticos favorecem o desenvolvimento psíquico e a compreensão dos conflitos pela criança, fornecendo-lhes imagens “com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida” (Bettelheim, 2006, p.16). A biblioterapia (pouco conhecida e menos estudada em Portugal) tem provas dadas nos EUA, em Espanha, em França, na Alemanha, na Argentina ou no Brasil: há por vezes mais estudos que comprovam cientificamente a importância das leituras literárias para a criação de valores empáticos as quais verdadeiramente levam à diminuição de risco, pois ao provocarem a discussão conflitos humanos de maneira pessoal e convincente funcionam como

“portas que se abrem para determinadas verdades humanas”
(COELHO, 1991, p.9).

Este texto pretende divulgar a utilização da literatura infantil enquanto promotora da formação da identidade de crianças marginalizadas, além de fazer uma reflexão sobre como a literatura infantojuvenil desponta a possibilidade de educar para incluir, em vez de criminalizar para excluir.

PREVENIR OU REPREENDER A CRIMINALIDADE?

Partindo do princípio de que criminologia é uma ciência, que tem como função não somente explicar e prevenir o crime, mas também, intervir na pessoa do delinquente, além de avaliar os diferentes modelos de resposta ao crime, para a sua aplicação “são necessárias novas profissões: psicólogo, assistente social, criminólogo, educador”. (ALBERGARIA, 1999, p.19). Esta ciência nos permite atuar na prevenção e não somente a repressão ao crime combatendo as causas.

Na criminologia, vários são os conceitos de prevenção, mas nos manteremos a prosseguir no que pode ser associado ao papel das instituições de ensino: o ato de prevenir o crime agindo sobre vários fatores de sua ocorrência. Neste contexto, “o objetivo de prevenir ou dispor de maneira que evite dano ou mal, preparando medidas ou providências de antecipação” (SOARES, 1983, p.125). Supõe assim, que sejam trabalhadas as origens para

que não ocorra a violência. Para tal, é necessário "criar os pressupostos necessários [...] procurando uma socialização proveitosa de acordo com os objetivos sociais" (MOLINA, 2000, p.335).

Essas dinâmicas presumem (re)ações positivas, mesmo que não sendo imediatas. Entende-se que o primordial objetivo da prevenção está na eliminação de focos que geram a violência, favorecendo assim, a extinção desta logo na sua origem, impedindo que a mesma evolua. Por outro lado, a repressão significa

reprimir, coibir, proibir por meios policiais ou judiciais a prática de determinados atos, considerados ilícitos penais, através duma reação, exercida de fato em nome do Direito, considerada reação social contra... O crime. (SOARES, 1983, p.138).

Estas são, portanto, as (re)ações da sociedade em resposta às ações delituosas das pessoas.

Ao falarmos nestas dinâmicas – prevenção e repressão, as estratégias de órgãos que se utilizam de meios normativos para conter a violência – é fundamental refletirmos sobre os controles sociais formais e informais.

Partindo do princípio que controles sociais são o "conjunto de instituições, estratégias e sanções sociais que pretendem promover e garantir referido submetimento do indivíduo aos modelos e normas comunitárias" (MOLINA, 2000, p.120); afirmamos ser os agentes de controles sociais formais, a polícia, **Revista Trama ISSN 1981 4674 - Volume 11 – Número 23 –2015, p.130-159.**

a justiça, a administração, carceragem, etc. Já os agentes de controlos sociais informais são: a família, a escola, a profissão, a opinião pública, etc.

Os agentes de controlos sociais informais, mais precisamente a família e a escola, ao utilizar-se da biblioterapia, adquirem (re)ações positivas, contra a criminalidade, por meio da literatura infantojuvenil. Estas histórias

podem levar a mudanças, pois ajudam as crianças a enxergar outras perspectivas e a distinguir opções de pensamentos, sentimentos e comportamentos, dando a oportunidade de discernimento e entendimento de novos caminhos saudáveis para enfrentar dificuldades. (PAIVA, 2011, p.94).

A repressão ao crime, somente por parte da polícia não é eficaz, devido a falta de condições de trabalho, pela quase ausência de efetivo e pela falta de instituições prisionais capazes de absorver os indivíduos infratores. A solução da criminalidade não está no fortalecimento da polícia, porém na maneira competente de prevenção, pois a eficaz prevenção do crime não depende tanto da maior efetividade do controle social formal, senão da melhor integração ou sincronização do controle social formal e informal" (MOLINA, 2000, p.124). Porém cabe aqui ressaltarmos, que a abordagem da prevenção dos conflitos associados à violência deve ser interdisciplinar; desde os serviços de saúde mental às instituições de proteção social e os centros de educação formal deveriam se envolver na prevenção" (ORTEGA; DELREY, 2002, p.22). É importante que as instituições de

ensino, da área da saúde, da proteção social e também da área da segurança no combate ao crime, tenham a consciência de exercer um trabalho conjunto, agindo sobre suas causas, para que as taxas de criminalidade possam diminuir.

QUAL O VERDADEIRO PAPEL DA ESCOLA CONTRA A CRIMINALIDADE?

Entre as muitas dificuldades em que a Educação encontra-se – falta de material didático, de participação da família, de salários dignos e reconhecimento da importância do trabalho educacional - a escola/educadores ainda tem a dificuldade de se relacionar afetivamente tanto com a sua comunidade, quanto com seus alunos. Infelizmente, a escola possui relações interpessoais conflituosas e o aluno

situado na permanência por tempo prolongado em cenários e sistemas de convivência muito conflituosos, quando não claramente violentos, aumenta de forma importante, outros riscos sociais, como a tendência ao consumo de produtos nocivos à saúde, hábitos de consumo de fumo e álcool, etc. (ORTEGA; DELREY, 2002, p.22).

As instituições de ensino acabam por não só receber a violência, mas também alimentá-la, pela dificuldade que tem em dar limites e atuar com autoridade. Acabam por se afastar ainda mais de nossos jovens e não os entendem como uma força que podem ser administrada por meio do diálogo, do afetivo e de uma educação emocional.

A escola acaba por exercer não a sua função de preventiva em relação a criminalidade, mas sim a de repressiva. Ela é uma instituição repleta de regras e normas que ao serem quebradas, geram um autoritarismo, exercido com muita desenvoltura, sem expor limites e discuti-los. Sendo assim, ao definir as regras e as penalidades, a instituição de ensino passa a tornar-se repressiva e a violência é evidente. Mas, então, o que os educadores podem fazer para prevenir a violência? O que precisam resgatar como estratégias e hábitos, que por alguma razão, ficaram esquecidas no tempo?

A escola, sendo um ambiente que tem como principal objetivo formar cidadãos críticos e seres humanos “mais humanos”, tem que cultivar um espaço de cultura e de relações humanas permeadas de valores sociais como: respeito, justiça, solidariedade, compromisso, igualdade, democracia. Todos esses valores podem ser encontrados por meio de muitas histórias, que transmitem não apenas o conhecimento, mas também de favorecer a formação da identidade de cada indivíduo. E é este também o papel do educador: favorecer esta possibilidade de “encontro” com este tipo de literatura. Os alunos “precisam desesperadamente de educação emocional, e até que isso seja formalizado de algum modo em todos os currículos escolares, esperamos que a história terapêutica [ou seja, que a biblioterapia] possa, em parte, oferecer essa educação. E é sobre esta terapia

por meio dos livros, que recebe o nome específico de *biblioterapia*, de quem falaremos a seguir.

BIBLIOTERAPIA: CIÊNCIA OU ARTE?

A Biblioterapia, implicitamente formulada há milênios, tem sido utilizada por muitas culturas e em épocas diferentes, para fins medicinais, com objetivo terapêutico, desde o antigo Egito, assim como também entre gregos e romanos, na Idade Média.

A leitura não era somente utilizada como “remédio para a alma” no tempo do faraó Rammsés II e entre os gregos e romanos, mas também era auxílio no cuidado da saúde, no Oriente, na cultura mulçumana, onde em 1272, no Hospital Mansur, “recomendava-se a leitura de trechos específicos do Alcorão como parte do tratamento médico” (PAIVA, 2011, p.91).

Até hoje, existem ainda muitas discussões sobre as origens do termo Biblioterapia. Entretanto, há estudiosos que confirmam ela ter sido utilizada de 1802 a 1853, “na América do Norte [...] em trabalho relacionando biblioteca e ação terapêutica” (PEREIRA, 1996, p.31). Os médicos americanos afirmavam ser a leitura de livros selecionados e adaptados às necessidades individuais, “uma das melhores receitas para seus pacientes hospitalizados.”

Muitos conceitos têm sido propostos por pesquisadores da temática e abrangem os seguintes aspectos: escolha e récipe de narrativas conforme as necessidades dos pacientes/leitores, administração da terapia com base em comentários de leituras e compreensão da obra e avaliação dos resultados. De acordo com Angela Ratton, a utilização desta terapia com base na leitura dirigida, “é considerada actualmente na profilaxia, educação, reabilitação e na terapia propriamente dita, em indivíduos nas diversas faixas etárias, com doenças físicas ou mentais” (RATTON, 1975, p.200).

Destacamos que mesmo que a Biblioterapia geralmente ter sido evocada num ambiente hospitalar, ficou comprovado entretanto, que ela pode ser aplicada num “processo de hospitalização”, “no contexto escolar” e no “processo de sociabilização”.

Portanto, existe uma terapia por meio dos livros e tal terapia recebe o nome específico de *biblioterapia*, originada de dois termos gregos “*biblion*: todo o tipo de material bibliográfico ou de leitura [e] *therapeia*: tratamento, cura ou restabelecimento” (PAIVA, 2011, p.90). Podemos conceituar biblioterapia como receita de recursos de leituras que contribuem para o desenvolvimento da maturidade, além de fortalecer e manter a saúde mental (*apud* SHODES, 1949). Na prática de biblioterapia há a preocupação em proporcionar ao público alvo textos que

estimulam a alegria, o prazer, a descontração e elementos essenciais ao bem estar do leitor, além de cultivar os valores sociais como: respeito, justiça, solidariedade, compromisso, igualdade e democracia.

Os vários suportes de leituras, com perspectivas terapêuticas que contenham elementos da ficção estimulantes de se ler, são narrativas com lacunas a serem preenchidas por meio da fantasia, imaginação e emoção dos leitores. Nesta mesma perspectiva, observa-se a leitura de textos ficcionais, “como ajuda para o ajustamento social e pessoal. Sua teoria é de que a literatura imaginativa é útil para ajustar o indivíduo tanto em relação aos seus conflitos íntimos como em conflitos com os outros” (CALDIN, 2001, p.3).

Para leitores adultos são-lhes apresentados textos dramáticos (com final feliz), entremeados de humor; com relatos do cotidiano, e que são também instigantes. Já para as crianças, “o discurso literário abre perspectivas para a percepção do mundo do ponto de vista da infância, traduzindo então suas emoções, seus sentimentos, suas condições existenciais em linguagem simbólica que efetue a catarse” (YUNES; PONDÉ, 1988, p. 47). A importância da leitura destes textos é que eles estimulam o uso da imaginação do leitor, possibilitam viajar por caminhos nunca viajados, além de despertar soluções nunca antes pensadas, auxiliando-o assim, a se descobrir e se reafirmar. Para

muitos leitores, as experiências vividas em determinados personagens podem constituir medidas preventivas contra sentimentos como: a ansiedade, o medo, o isolamento, a raiva, a (des)esperança, a maldade, a falta de uma identidade psicologicamente saudável, entre outros.

A leitura de determinados contos contribui para a construção mental da criança e do jovem, pois não estão a limitar a expansão de seus horizontes, da sua identidade, de confiança, assim como também de coragem para enfrentar os obstáculos da vida. O dinâmico diálogo entre texto/leitor estimula a reflexão dos sentimentos e das ideias, além da identificação com a própria identidade. No processo de uma auto-reflexão e na tentativa de se compreender com baseando nas emoções proporcionadas por tal leitura, permite que o leitor examine os seus próprios problemas. Ou, seja, “quando um leitor é estimulado a comparar suas ideias e seus valores com os outros, poderá resultar em mudanças de atitudes” (SEITZ, 2000, p.24).

A BIBLIOTERAPIA E A LITERATURA INFANTOJUVENIL: AJUSTANDO E RESGATANDO VALORES

Os estudiosos garantem e sublinham a importância para a criança em ouvir histórias. Estas asseguram o desenvolvimento da identidade da criança, visto ser por meio delas que se abrem

possibilidades para que ela treine e experimente os seus papéis na sociedade. Os contos transportam-na para situações reais e colocam-na dentro das aventuras narradas. Assim, as crianças constroem a sua sabedoria, desenvolvem reflexões, sentimentos e imaginação e, por outro lado, contactam com situações que só vivenciariam na vida adulta. Segundo Bruno Bettelheim, a sabedoria

é construída, passo a passo, a partir das origens mais irracionais. Só na idade adulta é que uma compreensão inteligente do sentido da experiência de cada um neste mundo se pode obter, a partir das experiências vividas. (BETTELHEIM, 2006, p.09).

Para além do prazer e dos aspectos lúdicos, os contos maravilhosos têm um papel de grande importância simbólica, visto proporcionarem o desenvolvimento criativo e uma personalidade saudável na criança. Estes tipos de contos maravilhosos são muito importantes, pois “o que neles parece apenas infantil, divertido ou absurdo, na verdade carregam uma significativa herança de sentidos ocultos e essenciais para a nossa vida” (COELHO, 1982, p.09).

Os tradicionais contos de fadas despertam emoções e, de forma lúdica, tratam as angústias existenciais, como por exemplo, a necessidade de ser amado, o desprezo por sofrer o preconceito, tal como no *Patinho Feio*. A rivalidade e a competição com a mãe bem expressas em *Branca de Neve*. O abandono e a solidão, em *João e Maria*. Os caminhos e os

Revista Trama ISSN 1981 4674 - Volume 11 – Número 23 –2015, p.130-159.

descaminhos no processo de humanização, como podemos ver em *Pinóquio*. A menina provocadora que se defronta com o mundo, em *Chapeuzinho Vermelho*, etc. Atualmente ainda existem autores contemporâneos de contos maravilhosos que mantêm essa mesma preocupação: escrever histórias terapêuticas que auxiliam-nos como trabalhar com problemas vigentes, os quais despertam muita preocupação, tanto aos pais, como aos educadores, como o *bullying*, a injustiça social, o preconceito, entre outros. *A rosa que não queria ser azul* (2011), por exemplo, é a história de Cristal, uma menina atenta à tudo que tem o desejo de ser diferente do que é, para assim, ser aceita entre as outras crianças mais favorecidas. Ela encontra a solução através de seus devaneios, por meio de sua rica criatividade, que consegue ao longo do enredo “colorir o mundo” com a sua própria imaginação. O conto nos auxilia como trabalhar com a inclusão de crianças que se sentem marginalizadas em seu “pequeno grupo” por motivos vários. Entendemos que vivemos em um mundo ou em uma sociedade onde as questões de preconceitos ainda se fazem presentes em todos os espaços. Na educação é possível constatar que são as crianças de bairros e comunidades mais carentes, as grandes vítimas da desigualdade principalmente no ambiente escolar.

Podemos dizer que essas narrativas projetam acontecimentos e problemas psicológicos, veiculados graças às

imagens e às ações das personagens. Estas são capazes de auxiliar o leitor a compreender e aprender a lidar com o que se passa dentro de seu inconsciente o que, de outro modo, não conseguiria por meio de explicações racionais. Cada conto aborda um tema relacionado com a vida psíquica e particular da criança. Liana Trindade e François Laplatine (1996) afirmam que a imaginação pode ser entendida como tudo o que não é real, ou seja, um mundo oposto à realidade concreta, produtora de devaneios e de imagens que explicam e permitem a evasão fora do cotidiano. A necessidade de compreendermos a realidade assenta na verdade, e, tal é possível, pela imaginação. Podemos dizer que o imaginário reconstrói o real e atua como uma “imaginação contraventora” do presente.

As solicitações do meio constituem sempre fortes apelos para a criança, atuam como orientação nos interesses da sua vivência e da sua curiosidade intelectual. Podemos afirmar que a criança realiza “um *faz de conta*, na fuga do cotidiano para a construção do seu mundo ideal. *Era uma vez ...* é o abre-te sésamo na história da vida do homem” (CARVALHO, 1982, p. 223). Portanto, privar a criança do encanto da fantasia e do imaginário é suprimir toda a riqueza do seu mundo interior. Para que tal não aconteça é necessário saber escolher o que oferecer às crianças que leem ou ouvem histórias e, para isto, torna-se imprescindível que o adulto conheça a literatura que melhor se

identifica com elas. Assim sendo, devemos preocupar-nos com as influências que os contos infantis exercem sobre a mente da criança e, também, com as respectivas consequências que daí poderão advir quando adultas.

A criança, pelo fato de ser muito criativa, necessita de material sadio e belo para assim poder organizar o seu “*imaginário*” e o seu universo mágico, lugar onde ela constrói, cria e destrói, ou seja, onde realiza tudo aquilo que deseja. A criança, por meio do seu imaginário (que os contos infantis despertam) tem a capacidade de corrigir tudo o que considera errado. A imaginação revela-se uma fonte de libertação, uma maneira eficaz de permitir e conquistar a liberdade. Segundo Nelly Novaes Coelho, “de todas as formas de expressão de que o homem dispõe para dar forma às suas vivências e experiências [...] a Literatura é a das mais eloquentes, devido a amplitude de seus recursos expressivos” (COELHO, 1982, p.04).

A autora ainda ressalta que a Literatura não só pode dar sentido ao ato fugaz de viver, como também se concretiza em uma matéria formal que corresponde àquilo que distingue o homem dos demais seres vivos: a palavra e a linguagem criadora. A literatura infantil é pois a *biblioterapia da criança*, ou seja, nela está presente uma série de imagens e diretrizes capazes de explorar o imaginário infantil da criança.

De acordo com a psicanálise, no inconsciente gera-se uma dualidade psíquica que as angústias e satisfações refletem. A interpretação torna-se, assim, um processo psicológico em que o símbolo possui lugar de destaque. Desse modo, uma ponte com as ciências cognitivas é estabelecida, visto que a cognição pode corresponder ao tratamento de informação tendo em conta a manipulação dos símbolos.

Os símbolos são representações do inconsciente e os psicanalistas preocupam-se em não perder de vista os contos de fadas, visto serem como que o prolongamento e continuidade dos antigos mitos. É que os símbolos revelam o inconsciente e o consciente, tendo estes, uma valiosa importância no nosso psíquico. Eles refletem a dualidade da alma humana, nas suas angústias, insatisfações e tristezas, mas também nos seus prazeres e nas suas alegrias. Os estudiosos deste ramo de saber afirmam também que o ser humano carrega, no seu interior, todas as lembranças de ações e de imagens passadas. As existências de tais figurações no inconsciente ficaram conhecidas como *reminiscências ancestrais*.

A vida da criança é muitas vezes confusa, por isso, ela necessita de algo que lhe dê possibilidade de compreender a si mesma e ao mundo complexo em que vive. Para isso, é preciso fornecer-lhe condições para que encontre um sentido coerente

para seus sentimentos. Justamente pelos contos de fadas, ela conseguirá atingir tal feito, servindo-lhe estes de modelo.

A criança por meio de devaneios, cria, recria e destrói a realidade, usando a fantasia e, através desse jogo, liberta as tensões de seu inconsciente. E assim, os contos maravilhosos rasgam na imaginação da criança novas perspectivas que seriam impossíveis descobrir de outro modo. O conteúdo destes contos maravilhosos desperta na criança imagens que podem estruturar os seus devaneios. As crianças, a que falta este tipo de material, ficarão menos criativas porque os contos as auxiliam a superar dificuldades.

Na narrativa infantil contemporânea alguns autores estabelecem uma comunicação natural com as crianças, nomeadamente por meio da linguagem coloquial.

Esses autores possibilitam, com naturalidade, a formação afetiva, cognitiva e emocional, da criança. As personagens infantis, quando agentes da narrativa, possuem o dom de desencadear uma realidade imaginária e de veicularem a revelação de seus conflitos interiores, gerando-se, deste modo uma cumplicidade com o jovem leitor.

Ao entrar no universo imaginário, a criança pode dominar os seus conflitos interiores, os seus problemas emocionais e ser capaz de ultrapassar a dependência infantil, caminhando assim, para uma valorização pessoal e individual. Os contos

maravilhosos aparecem dessa forma como “portadores de mensagens importantes para o psiquismo consciente, pré-consciente ou inconsciente, qualquer que seja o nível em que funcione” (BETTELHEIM, 2006, p.12). Essas histórias lidam com os problemas universais e assim falam ao ego da criança encorajando o seu desenvolvimento, além de aliviar tensões pré-conscientes ou conscientes.

Em resumo, numa perspectiva psicanalítica, os contos maravilhosos, na prática de biblioterapia, servem para que a criança ensaie a construção de uma personalidade sadia. E é a biblioterapia que ajuda a sociabilização, troca de experiências e inserção no grupo. Ela permite os ajustes emocionais: o leitor, enfrentando problemas e situações semelhantes, experimenta a introspecção, estabelecendo um paralelo entre si e o “carácter” demonstrado, passando pela catarse que induz à uma mudança positiva e ao crescimento pessoal. Dizemos que o valor da palavra, da palavra escrita, outorga liberdade e poder, criando “pessoas iluminadas”.

A BIBLIOTERAPIA: QUAIS OS SEUS BENEFÍCIOS? PORQUE FUNCIONAM?

Todo o ser humano tem sentimentos complicados, confusos e dolorosos... Sentimentos como a dor, a solidão, o

ciúme, a baixoestima, a carência afetiva, a perda de algo ou de alguém, entre tantas outras emoções, difíceis de serem geridas e controladas... Sentimentos que necessitam de ser bem compreendidos para que não assombrem o nosso interior, refletindo-se de maneira negativa em nossos relacionamentos e na capacidade para nos amarmos e amar o outro... Esses sentimentos trazem muita infelicidade no indivíduo, pelo fato de “criarem raízes” dentro de nós. As ramificações desses sentimentos espalham-se para o nosso exterior em forma de sintomas neuróticos, físicos ou comportamentos destrutivos. O desequilíbrio interno é um espelho do desequilíbrio externo. E viceversa.

Essas “ramificações” podem ser ainda mais graves em crianças que não têm condições e/ou estratégias para gerir tais sentimentos difíceis e intensos. Isto pelo fato de não terem recursos internos que lhes possibilitem a compreensão dessas emoções. As dolorosas consequências disto podem ser o comportamento agressivo, a crueldade, a dificuldade de aprendizado, a falta de concentração, a hiperatividade, as obsessões, as fobias, a ansiedade, a infelicidade, entre outras. Essas consequências podem ser sanadas se a criança obtiver auxílio para entender e digerir seus anseios e sentimentos mais problemáticos. O fato é que a criança não fala com facilidade sobre as suas questões problemáticas. Normalmente elas se

isolam, resmungam ou expressam-se por meio daquilo que nós adultos denominamos “birra” ou “malcriações”.

Essas atitudes por parte dos pequenos, normalmente levam o adulto a não ter uma compreensão exata do que se está a passar com a criança. E esta, que passa anos escondendo seus sentimentos ou os extrapolando de forma errada, limita a verdade, sem perceber que “a experiência vivida não é igual à experiência verbalmente representada” (DE ZULUETA, 1993, p.131). Normalmente, o adulto pergunta à criança qual é o problema, porém invariável, a criança não consegue responder. Faltam-lhe palavras para expor o que realmente não está bem, eliminando assim, a possibilidade de qualquer tipo de ajuda. Isto fica claro quando nos lembramos que “para a criança, a linguagem cotidiana não é a linguagem natural do sentimento. Para elas, a linguagem natural do sentimento é a da imagem e da metáfora, como em história e sonhos” (SUNDERLAND, 2010, p.16). O mesmo se passa com os adultos, ainda que estes tenham, em princípio, uma maior competência linguística. A metáfora é utilizada em geral, por crianças e adultos, quando nos deparamos com realidades complicadas de se pensar (o “fundo” da alma, por exemplo), ou seja, “além de ser um meio de expressão a metáfora é um meio essencial de inteligência”. “A metáfora é uma verdade, é um conhecimento de realidades” (HORTA, 2012, p.102).

Por causa do problema da diferença de linguagem, muitas crianças deixam de receber auxílio necessário para sanar problemas emocionais e difíceis sentimentos. O adulto, ao tentar comunicar-se com a criança pela linguagem cotidiana, encontra dificuldades em atingi-las, de maneira a que elas mostrem o que “realmente” sabem e entendem sobre os seus problemas. Assim, o adulto só atingirá plenamente sucesso neste diálogo se partir da linguagem “delas”: a linguagem da imagem, a da metáfora e a da história.

As narrativas falam às crianças em um nível profundo e mais do que a linguagem literal e do dia a dia. A linguagem cotidiana é a “linguagem do pensamento abstrato”, enquanto falar por meio de uma história é usar a “linguagem da pensamento concreto”. Para uma criança, a linguagem literal é sensorialmente muito complexa. Para elas, as palavras abstratas são palavras vazias para o entendimento, demasiada cognitivas para prender a sua atenção, além de incompatíveis com o poder absoluto das emoções que geralmente as tocam.

No imaginário de uma criança (repleto de sons, de cheiros, de imagens...) uma comunicação desinteressante não atinge as suas experiências vivenciadas. Para ela, os conceitos abstratos (como por exemplo, “angustiado” ou “infeliz”) tendem a “deformar” o que ela está vivenciando, modificando os seus sentimentos em outra coisa: por vezes, tais sentimentos podem

ser destituídos de sua essência, de sua complexidade e da forma direta com que ela alcança, pois “a alma pede respostas imaginativas que a movam, que a encantem, que a aprofundem” (HILMAN, 1983, p.38). Devemos levar em consideração, que “a realidade é contínua, múltipla, simultânea, complexa, abundante e parcialmente invisível. Só a imaginação pode compreendê-la e revelar suas profundezas” (WINTERSON, 1995, p.151).

As histórias infantojuvenis falam das emoções com uma riqueza incomparável, pois a mente toca naturalmente as questões sentimentais por meio do enredo, das ações e experiências vividas pelos personagens, da mesma maneira que vivenciamos nos sonhos. Podemos dizer que ler ou ouvir uma história é como sonhar acordado. Nestes, o consciente escolhe a imagem e a metáfora para processar emoções intensas já vividas ou que se ainda vive, assim como anseios e sobre o porvir. Não somente as crianças, mas também muitos adultos sentem dificuldades em tentar descrever os seus próprios sentimentos, por sentirem-se aprisionados pelos rótulos convenientes, pelas palavras amenizadas, pelas referências indiretas a determinadas experiências emocionais intensas, mantidas pela nossa cultura reprimida.

As conversas sobre emoções entre os adultos e crianças, quando somente a linguagem literal é utilizada ficam menos compreensivas e escassas. De ambos os lados dos locutores

poderão faltar a sutileza e a complexidade de um diálogo que só pode acontecer no domínio do imaginário. Aliás, se as palavras do cotidiano representassem plenamente o indivíduo, talvez não houvesse necessidade da expressão por meio de outras artes, como: pintura, música, teatro, poesia, entre outras.

Ao falarmos sobre os benefícios que as narrativas infantojuvenis trazem às crianças e jovens, podemos afirmar que elas funcionam como “portas” para o mundo interior. O *abre-te Sésamo* acontece quando a narrativa é bem seleccionada e a criança ouve/lê com plena atenção, porque só assim, consegue entrar em seu mundo interior com respeito, cuidado e compreensão. Contar-lhe ou oferecer-lhe uma história é muito menos invasivo. As narrativas podem falar de questões e problemas emocionais comuns, porém dentro do âmbito imaginário e não dentro do campo da cognição tendencialmente repressivo.

A literatura infantojuvenil expressa com precisão as questões sentimentais que a criança está confrontando. Ao contrário da linguagem abstrata, esse tipo de literatura comunica por meio de imagens expressivas não pé da letra. As narrativas infantis atingem a realidade plena e profunda da experiência emocional do pequeno leitor. De acordo com MargotSunderland, história infantil “captura as qualidades energéticas essenciais e multissensoriais do sentimento ou acontecimento emocional:

atmosfera, tensões, tons, intensidade, altos e baixos, crescendos e diminuendos, urgências e mudanças dinâmicas” (SUNDERLAND, 2010, p.26). A literatura infantil é uma maneira eficaz de descrever e evocar o mundo interior da criança, por meio da vasta simbologia utilizada neste tipo de narrativa.

A criança ou o jovem, ao ouvir ou ler uma história, tem uma expectativa: a personagem protagonista da narrativa continua persistente, mesmo com seus maiores problemas. A mensagem é clara: “Não desistas! No final dará tudo certo... Se ainda não deu certo é porque, ainda, não chegou ao fim.

O enredo dessas histórias apresenta esperanças e expectativas quanto à maneira de ser e “caminhos” mais criativos e saudáveis. Os processos psicológicos representados neste mundo maravilhoso, pelos personagens e suas ações, são cheios de simbologias e significados. O pequeno leitor está naturalmente receptivo a isso, através de um mundo imaginário. É por isso que, de acordo com MargotSunderland, essas histórias podem funcionar como “histórias terapêuticas”. Ela afirma que uma história terapêutica funciona para o pequeno leitor a um nível interior como, “opções sobre o que fazer diante de um grande obstáculo [...] novas possibilidades e soluções criativas para superarem problemas aparentemente insuperáveis”. Tal história mostra “como lidar de modo mais eficaz e menos doloroso com

problemas emocionais mais comuns [...] que novas maneiras de ser são mais possíveis” (SUNDERLAND, 2010, p.28).

Essas novas situações apresentadas nas narrativas infantis podem até não ter influência sobre a vida do pequeno leitor naquele exato momento, mas podem ser como sementes lançadas em solo fértil... Ou seja, reflexões e recursos que futuramente serão plenamente utilizados. Esse tipo de literatura faz com que a criança seja capaz de conviver com suas emoções perturbadoras e intensas, por um período alargado que lhe permite refletir sobre o que está acontecendo ou aconteceu, quando o seu primeiro interesse é/foi fugir. Isto é possível, porque a simbologia utilizada por este tipo de narrativa possibilita, à criança, meios para observar as suas emoções, os seus sentimentos e os anseios, a partir de uma determinada “distância segura”. Tem também vezes como objetivo criar empatia com o leitor/ouvinte, sem o culpar. As histórias infantojuvenis trazem importantes mensagens psicológicas que envolvem dilemas, problemas ou crises existenciais comum na vida da criança e do jovem.

O “poder” do ler/ouvir a história existe, porque o leitor/ouvinte recebe uma mensagem que a narrativa expressa de maneira indireta. E é nesta expressão indireta da história que se encontra a sua segurança e sabedoria. Utilizar uma história para auxiliar a criança a lidar com suas emoções é o mesmo que convidá-la a observar a vida das personagens da narrativa em vez

de olhar diretamente para as ações da criança. Desta maneira, a criança não se sentirá exposta, humilhada ou envergonhada. Uma história sobre os sentimentos levados ao domínio imaginário, fora do contexto habitual, mantém a privacidade e a dignidade do pequeno leitor/ouvinte. Além disso, as soluções podem ser embutidas com sutileza na narrativa, por meio do discurso figurado, isto é, da expressão indireta derivada. A este respeito, Johan Huizinga afirma que “por detrás de toda expressão abstrata se oculta uma metáfora, e toda metáfora é jogo de palavras. Assim, ao dar expressão para a vida, o homem cria um outro mundo, um mundo poético” (HUIZINGA, 1971, p. 7), distante do contexto real, porém ao encontro de soluções para os seus desafios.

As histórias são verdadeiramente eficazes, quando falam da dor e dificuldades que a criança poderá estar enfrentando, no nível consciente e inconsciente. Normalmente é ao nível do inconsciente que a criança recebe a mensagem “curativa” da história: é nos sonhos como nas histórias que a criança trabalha as metáforas que tratam as vivências emocionais. Estando a criança receptiva, logo a história terá um impacto sobre ela, e esse poderá continuar a agir em sua mente ainda durante muito tempo já depois de terminada a narrativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Defendendo a ideia da biblioterapia como trampolim para a autoajuda, o autoconhecimento e o encontro com a autoestima procuramos captar, nas narrativas infantis, uma espécie de espelho mágico capaz de operar como uma imagem fiel do universo dos valores infantis.

A literatura maravilhosa ao encenar a complexidade dos problemas da vida torna-se um modelo exemplar para revelar as conexões entre Literatura Infantil, As novas Tecnologias e Educação, se entendermos que formula a discussão dos conflitos humanos de um modo significativo, funcionando assim, segundo Nelly Novaes Coelho (1982) como uma “porta que se abre para determinadas verdades humanas”.

Apesar das circunstâncias externas, das conjunturas sócio político económicas, existem saídas para o ser humano, não apenas a partir da coletividade, mas também a partir das mudanças e transformações de cada um: o caminho a que Jung denominou *processo de individualização*.

É pela linguagem criativa e bem-humorada dos livros infantis que se transporta para a reflexão individual. E assim, a criança leitora, ao refazer conceitos, liberta-se de angústias, medo, constrangimentos, preconceitos, graças ao acesso a textos que lhe oferecem magia e encantamento.

Na prática de biblioterapia há a preocupação em proporcionar ao público alvo textos que estimulam a alegria, o prazer, a descontração e elementos essenciais ao bem estar do leitor, além de cultivar os valores sociais como: respeito, justiça, solidariedade, compromisso, igualdade e democracia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERGARIA, Jason. *Noções de criminologia*. Belo Horizonte: Mandamentos, 1999.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Lisboa: Bertrand, 2006.

CALDIN, Clarice Fortkamp (2004). A Aplicabilidade Terapêutica de Textos Literários Para Crianças. *Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*. Disponível em:

<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2004v9n18p72>. [consultado em: 11/10/12].

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. *Literatura Infantil: Estudos*. São Paulo: Edart, 1982.

COELHO, Nelly Novaes. *A Literatura Infantil: história, teoria, análise*. São Paulo: Global, 1982.

CRISTÓFANO, Sirlene. *A rosa que não queria ser azul*. Rio Grande do Sul: Ed. Alternativa, 2011.

DE ZULUETA F. *From Pain to Violence: The Traumatic Roots of Destructiveness*. Londres: Whurr, 1993.

LAPLATINE, François; TRINDADE, Liana. *O que é imaginário?* São Paulo: Brasiliense, 1996. Col. Primeiros Passos.

HILMAN J. *Interviews*. Dallas Spring Publications, 1983.

HORTA, Sylvio. Educação, contar histórias e artes orientais. In: CEMOrOc – Feusp/IJI, *Collatio*. Porto: Univ.do Porto, abr/jun 2012.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

MOLINA António Garcia-Pablos. *Criminologia*. SP: Editora Revista dos Tribunais, 2000.

ORTEGA, Rosario; DelRey, Rosario. *Estratégias Educativas para a prevenção da violência*. Brasília: Ed. Unesco, 2002.

PAIVA, Lucélia Elizabeth. *A arte de falar da morte para crianças*. São Paulo: Ed. Ideias & Letras, 2011.

PEREIRA, Marília M. Guedes. *Biblioterapia: Proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas*. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, 1996.

RATTON, Angela Maria Lima. Biblioterapia. *Revista Esc. Bibliotecon*. Belo Horizonte: UFMG, 1975, p.198-214.

SUNDERLAND, Margot. *O valor terapêutico de contar histórias: para crianças, pelas crianças*. Tradução Carlos Augusto LeubaSalum, São Paulo: Cultrix, 2010.

SOARES, Orlando. *Prevenção e repressão da criminalidade*.

Rio de Janeiro: Ed. Biblioteca Jurídica Freitas Bastos, 1983.

YUNES, Eliana; PONDÉ, Glória. *Leitura e leituras da literatura infantil: Por onde começar?*São Paulo: FDD, 1988.

WITTER, G.P. Biblioterapia: Desenvolvimento e Clínica. In: G.P.Witter (org).*Leitura e Psicologia*. Campinas: Alínea, 2004.

WINTERSON, J. *Art Objects*. Londres: Jonathan Cape, 1995.